



Escrevem os leitores

.....É verdadeiramente uma revista preciosa, "O Desbravador" que penetra e faz um pouco de luz na selva de tantos... A voz de Deus se faz ouvir por meio de "O Desbravador". ...Peço a Deus que este "Desbravador" seja sempre a voz que grita neste deserto do mundo...

REVMO. PADRE LOURENÇO ZANINI
SÃO PAULO - SP

.....É com muito prazer que lhe escrevo... Este jornal é muito importante para mim, pois levo ao ar pela rádio de nossa cidade um programa religioso católico no qual apresento as histórias e fatos apresentados em "O Desbravador".....

WAGNER ANTONIO CLARO
GOIO ERÊ - PR

.....Esse número me ajudou muito em minha caminhada... Os artigos muito bem escolhidos, aumentam o nosso amor e confiança pela Mãe do Céu...

ADALBERTO CARLOS GUIDO
JUNDIAI - SP

.....Vi também que o Espírito Santo está sempre com vocês e que a cada dia os ilumina sempre mais, como uma luz que brilha forte na escuridão..... Sei que não é fácil para vocês publicar este jornalzinho...

JOSE GERALDO BONIFÁCIO
CAETANÓPOLIS - MG



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GREMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO:

ANSELMO LÁZARO BRANCO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO:

CARLOS AUGUSTO VIEIRA
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

COMPOSIÇÃO:

ESTÚDIO "FRÃ ANGÉLICO"

REDAÇÃO:

JOSE HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
MARIA DO CARMO M. RUFINO
SELMA APARECIDA LÁZARO BRANCO

SECRETARIA:

MAURO TAKESHI ENDO
MIHAILO MILAN SLATKOVIC
LAURINDO GONÇALVES

EXPEDIÇÃO:

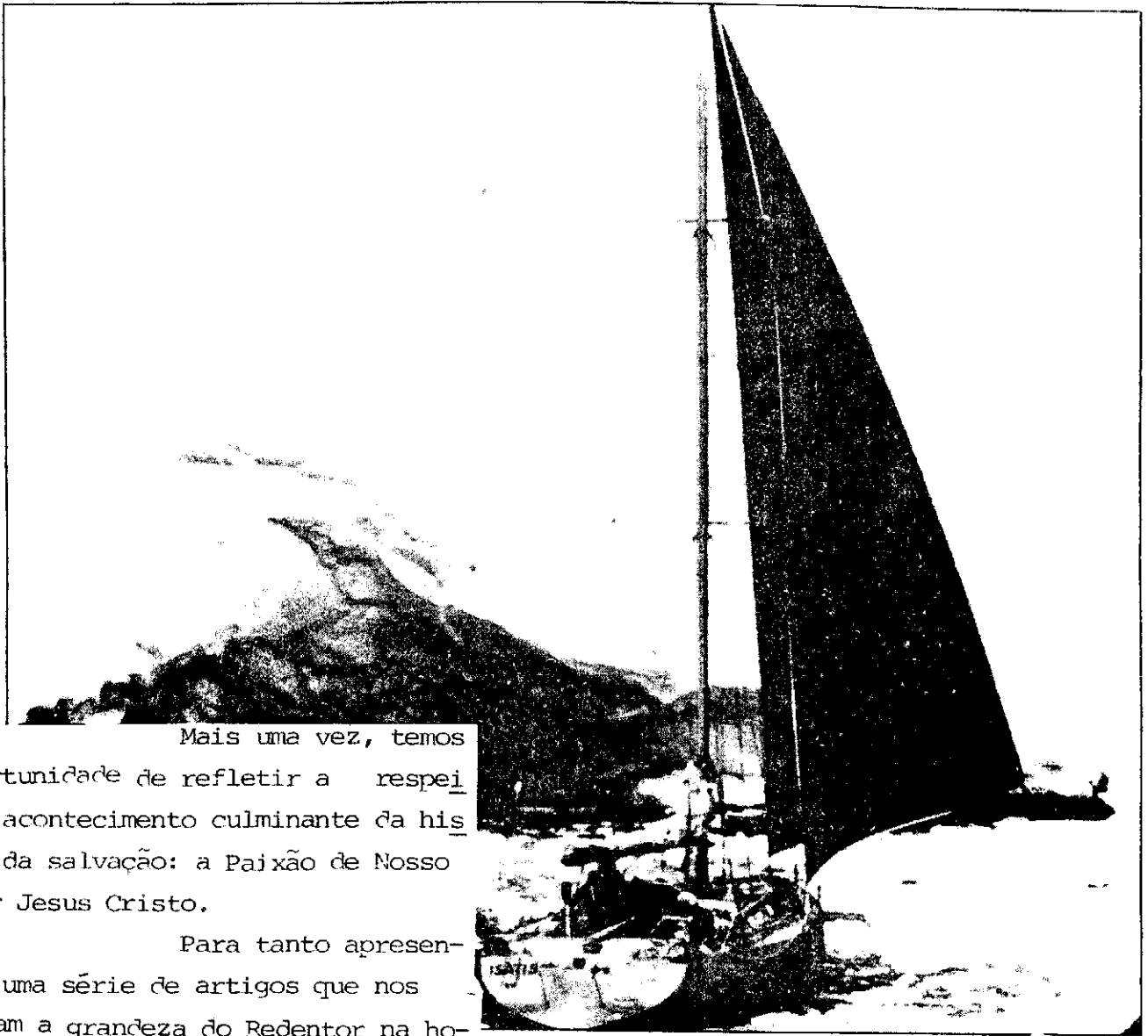
EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
RENATO KAORU ISHIMINE
ROMILSON CHAVES SILVA
VICENTE WALTER DE SOUSA MACHADO
WALADYER NERY DE SOUSA MACHADO

CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL 6416
01000 SÃO PAULO SP

"A ORAÇÃO FERVENTE E CONSTANTE DO JUSTO PODE MUITO."
(São Tiago V, 16)

EDITORIAL



Mais uma vez, temos a oportunidade de refletir a respeito do acontecimento culminante da história da salvação: a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Para tanto apresentamos uma série de artigos que nos mostram a grandeza do Redentor na hora suprema e nos momentos que a antecederam.

É sempre oportuno, sempre bom, sempre santo, meditar a respeito destes momentos grandiosos da vida de Cristo.

Quanto mais lermos, quanto mais refletirmos, quanto mais assimilarmos da Paixão de Nosso Senhor, mais nos aproximaremos dEle e e portanto melhor seremos.

Além do mais temos a ocasião de nos unir a Jesus, quer participando de seus sofrimentos

quer O acompanhando na solidão quer O consolando pelos tormentos que Ele pa-
deceu por nós.

De outro lado, Ele nos ensina a carregar com paciência, com piedade a nossa cruz. Quanto mais próximo ficarmos dEle mais forças te-
remos para enfrentar os embates de nossa vida.

Seja, portanto, para nós, a Paixão uma escola que nos ensine como viver, um livro que nos instrua como morrer, uma luz que nos ilumine na escuridão da vida.

" Quando o lobo tiver amizade com o cordeiro, então a terá o pecador com o justo . "

Eclesi. 13,21

Anima Christi.

The image shows three staves of musical notation for the hymn 'Anima Christi'. The first staff begins with a large, decorative initial 'A' that spans across the first two staves. The lyrics are written below the notes.

Anima Christi sancti-fica me.
 Córpus Christi, sál-va me. Sânguis
 Christi, inébi- a me.

Christi, inébi- a me.

No Horto das Oliveiras, sofreu Nosso Senhor Jesus Cristo o tormento da solidão. Não da solidão que é calma, recolhimento, prece; a solidão que é o paraíso da alma verdadeiramente interior, mas a solidão criada pela indiferença geral, pela incompreensão e pelo ódio.

No momento em que o Senhor se preparava para morrer pela humanidade, forçoso seria que a Seu lado estivessem todos os que ouviram maravilhosas Suas palavras. Tal era o deslumbramento causado pelos Seus ensinamentos, que os homens, para O ouvir, se embrenhavam pelo deserto, sem cogitar em agasalho e alimento. No momento da dor e do perigo, onde estão essas multidões?

Quando o Senhor fazia milagres, o povo empolgado O aclamava. Onde está agora esse povo? Como explicar que a Seu lado nem sequer figuram os leprosos que limpou, os cegos e os mudos que curou, os mortos a quem restituiu a vida? É fácil crer à vista de um milagre, mas é difícil afirmar nossa Fé em face dos que não assistiram prodígios sobrenaturais, ou não querem crer. Aclamar o Senhor, em meio a uma mul-

tidão empolgada, não é difícil.

Sustentar porém, os sarcasmos, a incompreensão, a hostilidade, nos ambientes em que se conspurca a Fé, é muito difícil. Vibrar de entusiasmo ouvindo o ensinamento do Redentor, é fácil. Mas pôr em prática Seus mandamentos, quando - depois de passado o entusiasmo, cada qual se torna à inexorável trivialidade da vida quotidiana - é muito mais árduo.

É inegável que as multidões se entusiasmaram pelo Mestre. Seu pecado não consistiu em que o entusiasmo fosse fraco, mas em que ficasse apenas no entusiasmo. E, por isto, no Horto das Oliveiras, o Salvador ficou só.

Só, e oferecendo por cada um de nós os méritos de Sua imensa solidão. Para que eu seja menos covarde, para que eu não me torne uma alma frívola, que vive apenas de entusiasmos, mas um espírito superior e profundo, que se baseie em convicções e firmes resoluções.

Pelo auxílio de Vossa divina graça, dai-me Senhor, fortaleza para Vos proclamar em face de Vossos adversários, perseverando invencivelmente fiel a Vós, na luta obscura e quotidiana do cumprimento do dever.

"Porventura não odiei eu, Senhor, os que te odiaram? e não me consumia, por causa de teus inimigos?" (Salmo 138,21)

A ENTRADA TRIUNFAL

Os Santos Evangelhos nos apresentam o Redentor, nosso divino modelo, como fonte infinita e completa de todas as perfeições, igualmente humilde e altivo, pacífico e energético, manso e forte, paciente e severo. No momento oportuno, Nosso Senhor manifesta-se adoravelmente aguerrido, polemista lógico, coerente e ardoroso, absolutamente o contrário do que insinua, por todos os meios, a escola de piedade sentimental.

Antes de procedermos à análise do texto sagrado, com vistas à refutação da corrente sentimentalista, convém considerarmos ainda que sumariamente, dois pontos que constituem como que um luminoso fundo de quadro dos acontecimentos da Semana Santa.

Em primeiro lugar, tudo o que se passou durante a Paixão foi permitido pela Providência e claramente previsto pelos Profetas do Antigo Testamento. A identidade entre o que foi profetizado e o que aconteceu, patenteava de modo ineludível a Divindade de Nosso Senhor. O que tornava insustentável a má fé dos doutores da Lei, pois eles conheciam as profecias e dispunham dos meios para constatar sua realização.

A Providência exigia de todos os que presenciavam aqueles episódios, uma análise atenta, contínua, metódica, lógica, sagaz, para perceber a clara realização das profecias, aderir ao Bem, rejeitar o Mal. Portanto, nada do sentimentalismo tolo a que nos referimos.

Outro aspecto que bem poderia ser qualificado de apogeu lógico da Paixão, foi a adorável resolução de Nosso Senhor. Ele sabia tudo o que devia lhe acontecer, podia evitá-lo e, entretanto, quis padecer aquele dilúvio de dores para realizar integralmente a vontade do Padre Eterno. É o princípio da obediência levado às últimas consequências teóricas e práticas.



Nosso Senhor sabia também que a confrontação com os fariseus poderia conduzi-lo à morte. Entretanto, não recuou, não diminuiu em nada sua doutrina, mas proclamou a Verdade inteira.

Jerusalém estava repleta de judeus do mundo inteiro, que tinham vindo para celebrar a Páscoa, quando Nosso Senhor, no Domingo de Ramos, quis entrar triunfalmente na Cidade Santa, para assinalar seu caráter messiânico, Sua dignidade suprema de Cristo Rei e Salvador.

Entretanto, alguns fariseus, "do meio da turba", isto é, sem se identificarem, tentaram impedir o sadio movimento de almas da população, apresentando este pedido insolente: "Mestre, fazei calar os vossos discípulos".

Nosso Senhor, com admirável grandeza, deu uma resposta enfática e fulgurante, que aturdiu os ouvidos incrédulos: "Eu vos asseguro que, se estes se calarem, as pedras clamarão". Os inimigos do Salvador, não tendo o que redarguir, encolheram-se com ódio e, à falta de outro recurso, deliberaram matá-lo.

(Agência Boa Imprensa - ABIM).

"QUEM SE ENVERGONHAR DE MIM E DAS MINHAS PALAVRAS, TAMBÉM O FILHO DO HOMEM SE ENVERGONHARÁ DELE, QUANDO VIER NA SUA MAJESTADE, E NA DE SEU PAI, E DOS SANTOS ANJOS"
(NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, SÃO LUCAS IX, 26)

JESUS CONFUNDE

Na tarde de Domingos de Ramos, após ter entrado triunfalmente em Jerusalém e ter repellido a insolência dos fariseus com divina altaneira, Jesus voltou a Betânia em companhia dos Doze.

Antes de analisarmos a magnífica polêmica com os fariseus, na terça feira santa, convém nos determos, de passagem, no significativo episódio da figueira estéril: a maldição foi tão profunda que secou até as raízes. Essa é uma imagem frisante do que ocorrerá com as almas estéreis em boas obras: o que deve, será precipitado num fogo inextinguível (S. Mateus, 3, 12).

Nessa mesma passagem - própria a inspirar a seitas protestantes uma reconsideração de sua falsa doutrina, pois negam a necessidade de boas obras, afirmando a virtude da fé como suficiente para a salvação - logo após acenar com os rigores do Tribunal divino, Nosso Senhor, com ternura indizível, ensinou aos discípulos como adquirir "a fé que move as montanhas", como rezar de modo agradável a Deus, perdoadando as ofensas pessoais, etc.

Entretanto, Jesus não esperava, de nenhum modo, essa fé e essa oração dos escribas e dos fariseus. Estes se conservavam silenciosos, não porque reconhecessem a verdade, mas porque receavam ser desmoralizados perante o povo e acuados por ele. Com efeito, "todo o povo admirava a Sua doutrina" e "estava suspenso quando O ouvia". Enquanto os cegos, os coxos, e toda a sorte de enfermos se aproximavam de Nosso Senhor e eram curados, diante da multidão maravilhada, os fariseus se acotovelavam cheios de ódio, dizendo uns aos outros: "Vede que nada adiantamos; eis que todo o mundo corre após Ele".

Na segunda feira santa, numa atitude destemida e enérgica, própria a arrepiar os sentimentais e românticos, Nosso Senhor expulsou do Templo os vendilhões que o profanavam. E vergastou-lhes mais du-

ramente a alma do que o corpo com a chibata, ao dizer-lhes que transformaram a Cada de Deus em "covil de ladrões". Afinal, diria o católico sentimental, mole e adocicado, que ninguém é tão ruim assim... Mas, contra fatos não valem argumentos.

Quando Ele voltou ao Templo, na terça feira de manhã, encontrou a



"DEUS É QUEM DÁ AS GRAÇAS, MAS É PELAS MÃOS DE MARIA QUE ELE AS DÁ"
(Santo Afonso Maria de Ligório)

SEUS INIMIGOS

atmosfera tensa, mais parecia a um campo de batalha onde não há tréguas nem mercê. Os fariseus, apesar das derrotas dos dois dias anteriores, haviam recuperado um tanto de suas forças e se preparavam para lançar novas armadilhas e tentar desacreditar Nosso Senhor junto ao povo.



"Porventura não está escrito que a minha casa será chamada casa de oração entre todas as gentes? E vós tendes feito dela um covil de ladrões."

S. Mateus 11.17

Os Príncipes dos sacerdotes que eram os chefes das 24 tribos sacerdotais, em cuja frente estava o sumo Pontífice; os escribas que eram os sábios, os doutores encarregados de interpretar a Lei; e os anciãos que eram os membros do Sinédrio, o grande Conselho. Todos combinaram entre si demonstrar que o Homem Deus era um impostor. Eles se consideravam os autênticos representantes de Javé. Como não tinham concedido a Nosso Senhor autoridade para expulsar os mercadores do Templo, quem lha havia dado? O argumento parecia irretorquível. Arquitetando bem a trama, apresentaram-se em bloco diante do Redentor e O interpelaram: "Com que autoridade fazes estas coisas? Quem te deu este poder?"

Para nos dar um extraordinário exemplo de vigilância e sagacidade e ensinar que um cristão jamais pode ser ingênuo, tolo, irrefletido diante de seus adversários, o Divino Mestre montou uma contra-armadilha. Afirmou que apresentaria um esclarecimento sobre Sua autoridade, apenas se eles respondessem a esta simples pergunta: "Donde vinha o batismo de João? Do céu ou dos homens?"

Aqueles homens bem instalados na vida, satisfeitos com a própria situação e corrompidos, não contavam com essa pergunta. Ficaram embaraçados, confabulando entre si: "Se dissermos que vem do céu, nos dirá Ele: Porque então não acreditastes nele (isto é em São João Batista)? Se dissermos que vem dos homens, tememos que o povo nos apedreje porque todos estão persuadidos que João Batista era verdadeiramente um profeta".

Essa reflexão, esperta e velhaca, sem dúvida, levou-nos a constatar a dura e humilhante contingência em que estavam. Não lhes restava outra alternativa senão responder: "Não sabemos". E Jesus lhes disse: "Pois também Eu não vos digo com que autoridade faço estas coisas".

"A virtude é a verdadeira, a mais sublime beleza"
Santo Agostinho

AS OITO

Na terça feira santa, o Divino Mestre concluiu sua pregação pública, com as tonitroantes maldições contra os fariseus. Que experiência magnífica para os que ouviram de viva voz esses discursos!

- "Mas ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que fechais aos homens o reino dos céus, e nem vós entraís, e nem deixais que entrem os que desejam entrar". Essa é a primeira das maldições que encerra todas as outras, pois anatematiza o grande crime dos fariseus de todos os tempos: não praticam e impedem que outros pratiquem a verdadeira Religião. Pouco antes, à guisa de introdução, Nosso Senhor havia condenado as vãs exterioridades dos fariseus, aquele "algo de bom" que os espíritos acomodaticios alegam para contemporar perpetuamente com os inimigos da Verdade e do Bem.

Prosegue o Redentor com santa ira:

- "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas porque, recitando longas orações, devorais as casas das viúvas. Por isso haveis de sofrer um julgamento mais severo".

Os que julgam ser contra a caridade desmascarar e expulsar dos meios católicos os herejes e autores de heresia, ou ameaçar com as penas do inferno, talvez se arrepiem lendo esta terceira maldição:

- "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque percorreis mar e terra para fazer um prosélito, e depois de o ter ganho, o tornais digno do inferno, duas vezes mais do que vós".

Dom Duarte aplica essa maldição ao "zelo falso, desvairado e diabólico dos que, transpondo às vezes a vastidão dos mares e percorrendo a terra, vão semear o joio no campo do Senhor", a Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana.

Demonstrando de modo magnífico a contradição e incoerência dos fariseus, Nosso Senhor lança a quarta



ta maldição: - "Ai de vós, guias cegos, que dizeis: se um homem jurar pelo Templo, isso não é nada; mas se jurar pelo ouro do templo, está obrigado ao juramento. Insensatos e cegos! Pois, qual é maior, o ouro ou o Templo, que santifica o ou

MALDIÇÕES

"Pois dai a Cesar
o que é de Cesar,
e a Deus o que
é de Deus."
S. Mateus 12,17

Nosso Senhor, polemista perfeito, denuncia o interesse sórdido e sacrílego dos fariseus, os quais queriam que se multiplicassem as ofertas em dinheiro para delas se aproveitarem. Mas essa denúncia lógica, bem argumentada, que não deixa margem à menor tentativa de réplica, não é feita em termos convencionais. Manifestando seu furor sagrado, nosso Redentor principia com uma maldição e faz a cerrada argumentação chegar aos ouvidos daqueles a quem se destinava, acompanhada dos qualificativos adequados: hipócritas, insensatos, cegos! Admiramos Nosso Senhor em sua fortaleza na defesa da Verdade e do Bem para que possamos imitá-lo no momento oportuno, em prol dos interesses da Igreja e da Civilização Cristã!

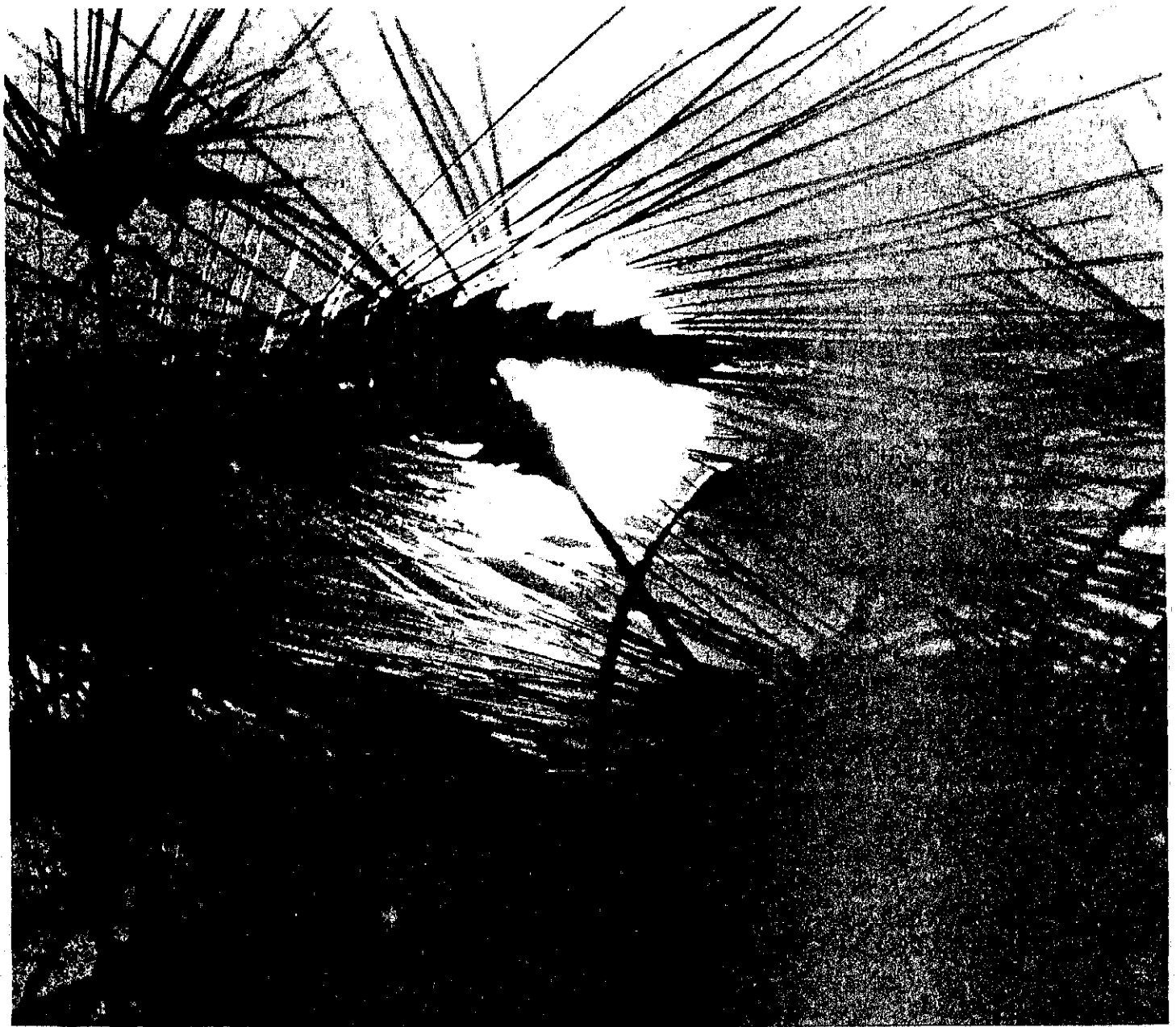
Na quinta e sexta maldições, Nosso Senhor continua sua argumentação irretorquível: - "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho (isto é, das coisas pequenas que nada custam) e desprezais o que há de mais importante na Lei: a justiça, a misericórdia e a fé. Estas coisas devem ser feitas sem omitir aquelas. Guias cegos que filtrais um mosquito e engolis um camelo!"

Depois de por às escâncaras a contradição dos fariseus, Nosso Senhor aponta de modo especial sua hipocrisia na sétima maldição: - "Ai de vós escribas e fariseus hipócritas, porque sois como sepulcros caiados, que aos homens parecem belos por fora e por dentro estão cheios de ossadas de mortos e de toda sorte de podridão. Assim vós, por fora, também pareceis justos aos olhos dos homens mas interiormente estais cheios de hipocrisia e iniquidade".

A oitava e última maldição se-la, de maneira definitiva, a ruptura irremediável com os chefes do povo judeu: - "Ai de vós, escribas

ro? Se um homem, dizeis, jura pelo altar, isso não é nada; mas todo aquele que jurar pela oferta que está no altar, está obrigado ao que jurou. Cegos! Pois qual é maior? A oferta ou o altar que santifica a oferta?"

AO NOME DE JESUS SE DOBRE TODO O JOELHO NO CÉU, NA TERRA E NO INFERNO, E TODA A LÍNGUA CONFESSARÁ QUE O SENHOR JESUS CRISTO ESTÁ NA GLÓRIA DE DEUS PAI" (São Paulo, Filipenses II, 10 e 11)



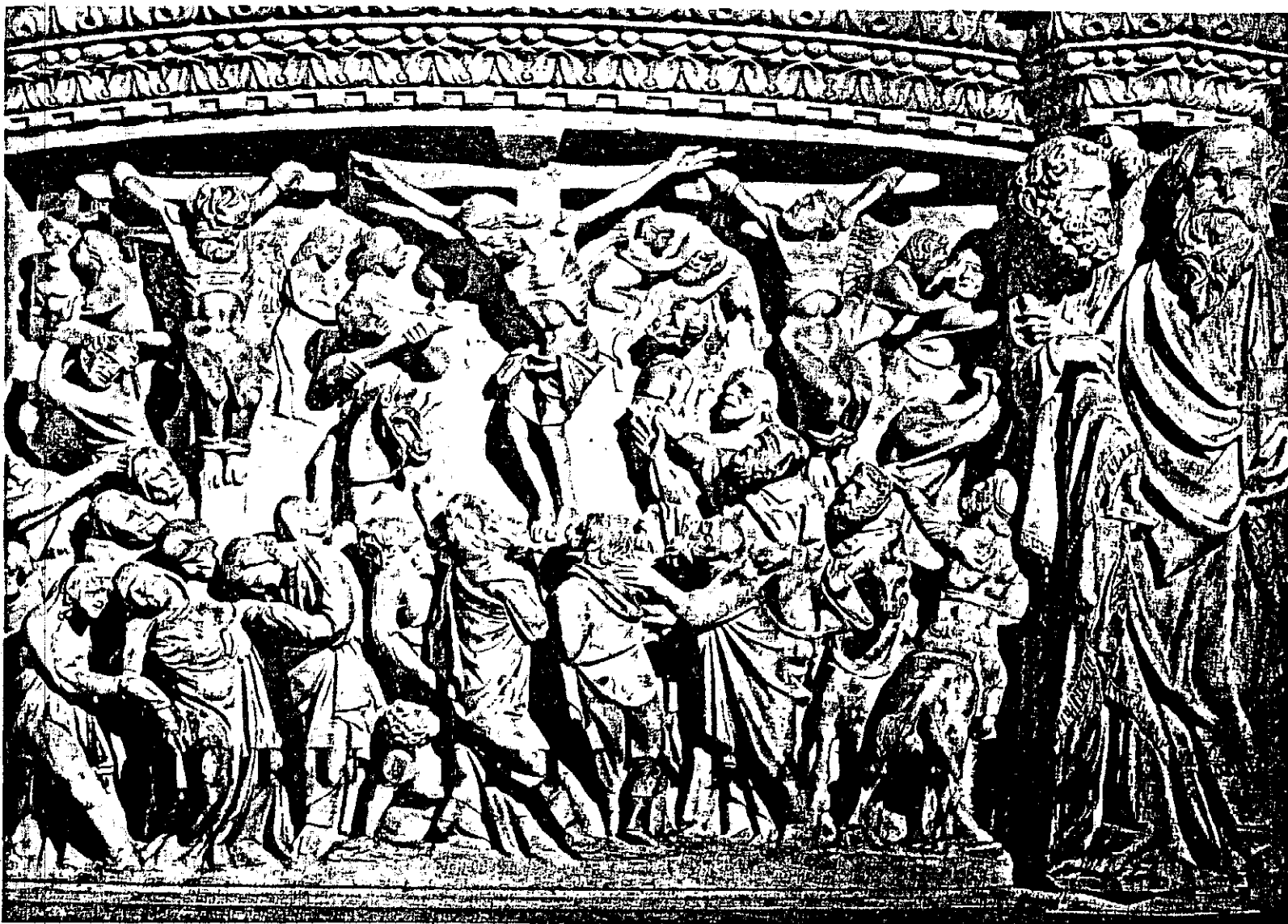
e fariseus hipócritas, que edificais os túmulos dos profetas e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices na morte dos profetas. E assim, dais testemunho contra vós mesmos, de que sois filhos daqueles que mataram os profetas. Acabai, pois, de encher a medida dos vossos pais. Serpentes, raça de víboras! Como podereis evitar a condenação do inferno? (...) Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas aqueles que te foram enviados; quantas vezes quis reunir os teus filhos como a ave reúne os seus pintainhos debaixo das asas e tu não o quiseste.

Eis que a vossa casa ficará deserta, porque eu vos digo: Não me tornareis a ver até ao dia em que possais dizer Bendito o que vem em nome do Senhor".

Logo após ter increpado os fariseus - como bem observa Dom Duarte - Nosso Senhor manifesta uma ternura indizível em relação a Jerusalém, a Cidade Santa, por Ele muitíssimo amada. A imagem da galinha que reúne seus pintainhos exprime a misericórdia insondável do Redentor, contudo infelizmente rejeitada! Por isso anuncia o terrível castigo: Jerusalém ficará deserta, será destruída e os judeus serão dispersos por todo o mundo. (Agência Boa Imprensa - ABIM).

"QUANDO OS DEMÔNIOS NOS VEEM EM ORAÇÃO, RETIRAM-SE A TODA PRESSA COMO LADRÕES QUE VEEM SOLDADOS DE ESPADA NA MÃO."

(São Crisólogo)



Chegados ao alto do Calvário, dispuseram-se os preparativos para a crucifixão. Ao chegar a este passo da Paixão, o Evangelho é de um laconismo singular e estranho. Duas palavras apenas: *Crucifixerunt eum! Crucificaram-no!*

É que essas duas palavras dizem tudo o que de mais horrível se podia imaginar o prazer do homem pelo sangue do homem, esse deleitar-se no sofrimento alheio, que é o traço mais aviltante da bestialidade humana.

Amarrado com duras cordas ou fixado por meio de longos cravos ou pregos, que aumentavam as torturas do paciente, permanecia o crucificado à beira de uma estrada, exposto aos insultos dos viandantes, enquanto os animais ferozes, mais humanos do que os homens, acaso lhe não apressavam a morte, devorando-lhe as entranhas.

Trespasados os pés e as mãos, formando chagas hediondas, é fácil imaginar o sofrimento que lhe advinha da circulação do sangue profundamente alterada. Mas a atrocidade particular deste suplício, dizem os autores que estava na possibilidade de permanecer o paciente três ou quatro dias nesse martírio inominável, de tal sorte que os crucificados de mais robusta complexão só vinham a morrer extenuados pela fome.

O pensamento cruel que presidia a este gênero de suplício era, principalmente, a morte afrontosa, a humilhação extrema. Eis porque costumava ministrarse ao condenado certa mistura de fel e vinagre, ou antes de mirra e vinho forte e generoso, que produzindo-lhe uma espécie de embriaguês e sonolência, prolongava-lhe a vida aumentando-lhe a capacidade de sofrimento.

"A OPAÇÃO CONTÍNUA TOPNA-NOS SEMELHANTES AOS ANJOS QUE CONTEMPLAM ETERNAMENTE A FACE DE DEUS." (SÃO FRANCISCO DE SALES)

Mas havia uma dor que teimosamente sobrevivia à insensibilidade física: era a fronta, a vergonha do suplício. Reservado aos escravos e bandidos de marca - conclui piedoso autor - ele punha na fronte do condenado um estigma de desonra. Maldito de Deus e dos homens, nada lhe restava da dignidade humana. Tudo era permitido contra a sua agonia, exceto a compaixão que se figurava inoportuna e quase digna de censura.

E o miserável assim permanecia esquecido, dando gritos a que só respondiam vitupérios. Indiferentes ou hostis, passavam os viandantes. Este lhe dirigia uma praga. Aquele lhe atirava uma pedra. E as horas passavam. E a noite descia pavorosa. E o martírio se prolongava interminável. E a morte não vinha. E quando o sol se levantava no horizonte, ele aí estava ainda, vivo sempre, sempre sofrendo, amaldiçoado e amaldiçoando.

Tal era o suplício que os nossos pecados mais do que a maldade dos homens reservava ao Filho immaculado de Maria Santíssima.

Onde estava ela?

Chegada por fim a hora extrema do sacrifício, é Jesus inteiramente despojado das suas vestes, como a quem já na terra nada lhe restava de seu. Vendo-O assim de todo nu, adianta-se uma mulher e, tirando da cabeça um véu que ainda hoje se venera em Aix-la-Chapelle, cinge o corpo santíssimo de seu Filho adorável. Era Maria!

A tradição é autorizada por S. João Damasceno, e eu confesso que me sentiria esmagado diante dessa cruz, se ali não estivesse essa Mãe alquebrada e dolorosa, por isso mesmo imensamente boa e compassiva.

Vendo-me também nu, despido de graças e de virtudes, sobra-me a esperança de que Ela sempre me há de proporcionar um véu de amor e de arrependimento, com que me cubra diante do eterno e inexorável Juiz.

Dos sermões de Dom Duarte Leopoldo e Silva, primeiro Arcebispo de São Paulo, falecido em 1938, extraímos esta meditação, pronunciada em 1916.



"TODO AQUELE QUE ME CONFESSAR DIANTE DOS HOMENS, TAMBÉM O FILHO DO HOMEM O CONFESSARÁ DIANTE DOS ANJOS DE DEUS. E O QUE ME NEGAR DIANTE DOS HOMENS, SERÁ NEGADO DIANTE DOS ANJOS DE DEUS" (NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, SÃO LUCAS XII, 8 e 9)